CORPO E INCLUSÃO ESCOLAR:
ESTIGMAS E PRECONCEITOS DIANTE DA PARALISIA CEREBRAL

Silvana Matos Uhmann[1]

RESUMO

A presença de estudantes com deficiência na escola regular não garante, por si só, sua participação nas práticas pedagógicas. Este trabalho tem como objetivo problematizar como as marcas corporais da deficiência são significadas no contexto escolar e como essas representações interferem na escolarização de estudantes com paralisia cerebral. Trata-se de um estudo de caso de abordagem qualitativa, realizado por meio de entrevistas com duas mães de estudantes matriculadas no terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola regular do interior do estado do Rio de Janeiro. As estudantes utilizam cadeira de rodas e apresentam limitações de movimentos dos membros superiores e inferiores. As entrevistas foram gravadas, transcritas e examinadas mediante análise de conteúdo, preservando-se a identidade das participantes. A discussão articula contribuições teóricas sobre corpo, diferença, estigma e inclusão escolar. Os relatos maternos indicam que a visibilidade da deficiência suscita olhares de estranhamento, sentimentos de piedade, afastamentos e expectativas reduzidas quanto às possibilidades de aprendizagem. Segundo as mães, suas filhas permanecem à margem de atividades desenvolvidas com a turma, enquanto o apoio recebido se concentra nos cuidados básicos, sem assegurar sua participação pedagógica. As narrativas também expressam angústia diante de concepções que associam as características corporais à incapacidade, antecipando limites antes da oferta de oportunidades de ensino. Esses resultados evidenciam, no contexto investigado, a coexistência entre presença física na escola e exclusão das experiências de aprendizagem. Conclui-se que a inclusão escolar exige superar perspectivas centradas exclusivamente no diagnóstico e nas limitações, reconhecer as potencialidades dos estudantes e rever as relações e estratégias pedagógicas. O acolhimento das diferenças deve traduzir-se em oportunidades efetivas de participação, pertencimento e aprendizagem, para que as marcas corporais não determinem lugares de exclusão no cotidiano escolar.

Palavras-chave: corpo, paralisia cerebral, inclusão escolar.

[1] [Universidade Federal Fluminense - UFF]